
A VIOLÊNCIA E O MEDO URBANO E SEU IMPACTO NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO ESPACIAL EM SOBRAL-CE

Antonio Jerfson Lins de **FREITAS**

Universidade Estadual do Ceará

E-mail: jerfsonlins@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2745-9132>

Telma Bessa **SALES**

Universidade Estadual Vale do Acaraú

E-mail: telma_bessa@uvanet.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7064-0028>

Recebido
Agosto/2025

Aceito
Junho/2026

Publicado
Junho/2026

Resumo: Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que culminou na dissertação *Sobre viver em Sobral-CE: da segregação à estigmatização socioespacial nos territórios da violência e do medo* (Freitas, 2019). A investigação analisou como a percepção da violência e o medo urbano influenciaram o processo de ocupação espacial em Sobral-CE, especialmente entre 2014 e 2017, período que marcou a criação e plena ocupação do bairro Caiçara, empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida que beneficiou mais de três mil famílias. Os moradores desse conjunto habitacional foram alvo de estigmatização e discriminação por parte de outros setores da população. O recorte da pesquisa buscou compreender de que maneira essas percepções impactam as escolhas residenciais, a dinâmica do mercado imobiliário e a configuração socioespacial, gerando processos de segregação, autosegregação e estigmatização territorial semelhantes aos observados em grandes centros urbanos, mas aqui contextualizados em uma cidade média situada a cerca de 230 km de Fortaleza. Metodologicamente, aplicou-se um questionário estruturado a uma amostra aleatória simples de 497 moradores, definida com margem

de erro de 5% e nível de confiança de 95%. Os dados, que incluíram a avaliação de 45 bairros e comunidades quanto à segurança percebida, foram processados em ambiente de Sistema de Informação Geográfica (QGIS 2.18), resultando na produção de uma cartografia da percepção da violência. A análise revelou padrões espaciais do medo e da insegurança, correlacionados a variáveis como renda, localização e visibilidade midiática. Ancorada teoricamente em autores como Roberto Lobato Corrêa, Marcelo Lopes de Souza e David Harvey, a pesquisa evidencia que, mais do que refletir percepções individuais, os dados revelam um processo estruturado de segregação e autosegregação socioespacial, acompanhado de estigmatização territorial, alinhado ao que se observa em metrópoles brasileiras. Entre os fatores que contribuíram para a consolidação desses processos em Sobral destacam-se a insuficiência na oferta de serviços públicos, a negação de direitos básicos, a ausência de transporte coletivo eficiente, a carência de espaços públicos de lazer e a persistência histórica de relegar as classes populares a áreas periféricas, distantes das zonas de interesse das elites locais.

Palavras-chave: Sobral; violência; medo; segregação socioespacial; estigmatização socioespacial; Cartografia.

VIOLENCE AND URBAN FEAR AND THEIR IMPACT ON THE PROCESS OF SPATIAL OCCUPATION IN SOBRAL-CE

Abstract: This study presents findings from a Master's research project that culminated in the dissertation *Living in Sobral-CE: from segregation to socio-spatial stigmatization in the territories of violence and fear* (Freitas, 2019). The investigation examined how perceptions of violence and urban fear influenced the spatial occupation process in Sobral-CE, particularly between 2014 and 2017 — a period marked by the creation and full occupation of the Caiçara neighborhood, a housing development under the *Minha Casa Minha Vida* program that benefited over three thousand families. Residents of this housing complex became targets of stigmatization and discrimination from other sectors of the local population. The research aimed to understand how such perceptions shape residential location choices, the dynamics of the real estate market, and the socio-spatial configuration, generating processes of segregation, self-segregation, and territorial stigmatization similar to those observed in major urban centers, yet here contextualized in a medium-sized city located approximately 230 km from Fortaleza. Methodologically, a structured questionnaire was applied to a simple random sample of 497 residents, calculated with a 5% margin of error and a 95% confidence level. The data — which included evaluations of 45 neighborhoods and communities in terms of perceived safety — were processed in a Geographic Information System (QGIS 2.18), resulting in the production of a cartography of violence perception. The analysis revealed spatial patterns of fear and insecurity, correlated with variables such as income, location, and media visibility. The research, theoretically anchored in authors such as Roberto Lobato Corrêa, Marcelo Lopes de Souza, and David Harvey, demonstrates that, beyond reflecting individual perceptions, the data reveal a structured process of socio-spatial segregation and self-segregation, accompanied by territorial stigmatization, consistent with trends observed in Brazilian metropolises. Factors contributing to the consolidation of these processes in Sobral include insufficient provision of public services, denial of basic rights, lack of an efficient public transport system, scarcity of public leisure spaces, and the historical relegation of low-income populations to peripheral areas distant from zones of interest to local elites.

Keywords: Sobral; violence; fear; socio-spatial segregation; socio-spatial stigmatization; Cartography.

VIOLENCIA Y MIEDO URBANO Y SU IMPACTO EN EL PROCESO DE OCUPACIÓN ESPACIAL EN SOBRAL-CE

Resumen: Este estudio presenta los resultados de una investigación de maestría que culminó en la disertación *Sobre vivir en Sobral-CE: de la segregación a la estigmatización socioespacial en los territorios de la violencia y el miedo* (Freitas, 2019). La investigación analizó cómo la percepción de la violencia y el miedo urbano influyeron en el proceso de ocupación espacial en Sobral-CE, especialmente entre 2014 y 2017, período que marcó la creación y plena ocupación del barrio Caiçara, un emprendimiento del Programa *Minha Casa Minha Vida* que benefició a más de tres mil familias. Los residentes de este conjunto habitacional fueron objeto de estigmatización y discriminación por parte de otros sectores de la población. El recorte de la investigación buscó comprender de qué manera estas percepciones inciden en las elecciones residenciales, la dinámica del mercado inmobiliario y la configuración socioespacial, generando procesos de segregación, autosegregación y estigmatización territorial semejantes a los observados en grandes centros urbanos, pero aquí contextualizados en una ciudad intermedia situada a unos 230 km de Fortaleza. Metodológicamente, se aplicó un cuestionario estructurado a una muestra aleatoria simple de 497 residentes, definida con un margen de error del 5% y un nivel de confianza del 95%. Los datos — que incluyeron la evaluación de 45 barrios y comunidades en cuanto a la seguridad percibida — fueron procesados en un entorno de Sistema de Información Geográfica (QGIS 2.18), lo que permitió elaborar una cartografía de la percepción de la violencia. El análisis reveló patrones espaciales del miedo y la inseguridad, correlacionados con variables como ingresos, ubicación y visibilidad mediática. Anclada teóricamente en autores como Roberto Lobato Corrêa, Marcelo Lopes de Souza y David Harvey, la investigación evidencia que, más allá de reflejar percepciones individuales, los datos revelan un proceso estructurado de segregación y autosegregación socioespacial, acompañado de estigmatización territorial, en sintonía con lo que se observa en las metrópolis brasileñas. Entre los factores que contribuyeron a la consolidación de estos procesos en Sobral se destacan la insuficiencia en la provisión de servicios públicos, la negación de derechos básicos, la ausencia de un sistema de transporte colectivo eficiente, la carencia de espacios públicos de ocio y la persistencia histórica de relegar a las clases populares a áreas periféricas, alejadas de las zonas de interés de las élites locales.

Palabras clave: sobral; violencia; miedo; segregación socioespacial; estigmatización socioespacial. Cartografía.

INTRODUÇÃO

Recurso muito utilizado nos estudos geográficos, caso não seja submetida a uma análise crítica e profunda, a pesquisa estatística não passaria de uma mera ferramenta ilustrativa. Dependendo da metodologia empregada e da forma como os dados obtidos são escrutinados, tal recurso pode lançar à luz questões que, de outro modo, não seriam correta e cientificamente estudadas.

É o caso, por exemplo, da violência e como esse fenômeno impacta sobre a ocupação do espaço urbano. Se em um período não maior do que meio século a distância das áreas centrais das cidades, onde a maior parte dos serviços são oferecidos, era considerada fator preponderante entre aqueles que detinham poder econômico para escolher onde habitar, atualmente a percepção de insegurança, violência e medo assumiu a primazia, tornando-se comum a veiculação de anúncios imobiliários ressaltando a oferta de itens de segurança, como cercas eletrificadas, portões automáticos, centrais de alarme, vigilância eletrônica etc.

Mas se as pessoas com maior poder aquisitivo têm o privilégio de decidir quais áreas habitar e, conseqüentemente, ocupam os espaços mais privilegiados (Corrêa, 1995), o mesmo não ocorre com as classes mais empobrecidas, que acabam tendo de se contentar com as áreas que lhes são possíveis acessar, muitas vezes inadequadas para o estabelecimento de moradias.

Para percebermos como tal fenômeno ocorre em Sobral, município localizado a cerca de 230 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará, realizamos uma pesquisa junto a um recorte dos moradores locais (metodologia explicada adiante) tendo como foco suas percepções sobre a violência e medo. Tendo as repostas tabuladas, foi possível verificar a percepção dos habitantes sobre Sobral, elaborando uma cartografia destinada a demonstrar espacialmente as áreas encaradas como “mais violentas” ou “mais seguras”, a partir da qual fizemos uma análise do processo de ocupação urbana.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sobral e sua segregação socioespacial

Seja por não terem condições de ocupar áreas urbanas de maior interesse especulativo, devido aos preços proibitivos dos lotes, seja por serem direcionadas pelas políticas habitacionais promovidas pelo Estado, os habitantes mais pobres de Sobral foram se concentrando nas áreas periféricas. O fenômeno, conhecido como segregação socioespacial urbana, tem como consequência uma descontinuidade no tecido urbano-social, com áreas ocupadas por pessoas de mesmo poder econômico, etnia ou qualquer outro fator que os force a isso. Assim, “na prática ou até formalmente, ficam separados, excluídos de certos espaços reservados para as classes e grupos dominantes da sociedade” (Rodrigues, 2017, p. 430).

A população mais pobre procura as áreas mais distantes, em direção contrária às áreas mais nobres, e se dirige em busca de terrenos mais baratos. Todavia, a cidade é um local dinâmico de atividades exercidas por pessoas, de acordo com suas necessidades sociais, promovendo diretamente o processo de produção e reprodução do espaço (Rodrigues, 2017, p. 431).

Ao contrário, seguindo uma tendência percebida em outros centros urbanos, os habitantes mais ricos de Sobral também têm se concentrado em áreas fora do perímetro central. Devido à diversos fatores, como a utilização da violência urbana pelos agentes do mercado imobiliário como estratégia de marketing, que prometem “oásis de segurança” no espaço urbano, muitos têm optado pelos condomínios fechados, tanto verticais quanto horizontais, inacessíveis para a maioria da população, criando verdadeiras ilhas dentro do espaço urbano (Souza, 2008), fenômeno chamado de auto segregação (pois diferente dos mais pobres, estes atores optam pela situação). Contudo, essa fragmentação do tecido urbano, criando enclaves dentro da cidade, gera um paradoxo, contribuindo para a ampliação da sensação de insegurança e para a expansão da violência.

De um ponto de vista político-pedagógico, pode-se afirmar que os “condomínios exclusivos” ameaçam o fortalecimento de valores de civilidade e solidariedade cidadã, uma vez que são ambientes de socialização que, a um só tempo, pressupõem e reforçam um descompromisso para com a cidade como um todo. Reforçam porque, implicando um empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o Outro (entendido esse Outro como o favelado, o morador de rua, o suburbano...), o enclausuramento voluntário só pode terminar por reforçar preconceitos, na esteira da ignorância e do medo. O espaço urbano também educa – ou “deseduca”. No caso dos condomínios, educa não para a liberdade, para o diálogo, para o respeito à diferença, para a solidariedade, mas sim para o ódio de classe (não raro amalgamado com o ódio racial), para o elitismo arrogante, para o temor e o desinteresse (e o desrespeito) em face dos diferentes (Souza, 2008, p. 74).

Da mesma forma que os condomínios fechados, o fenômeno é percebido nos bairros homogêneos por classes, onde devido aos elevados valores dos imóveis é vetada a presença das classes mais pobres da cidade, vistas normalmente com desconfiança pelos moradores, como invasores em seu território “exclusivo”.

Lúcia Leitão aponta que a violência é apenas mais uma justificativa para a tendência que a camada mais rica da população brasileira tem de se apartar do espaço público, desde a estrutura física dos sobrados, que tendiam a internalizar a vida em detrimento da rua. Segundo a autora, “na verdade, um olhar mais acurado sobre essa questão pode revelar que, embutida na realidade da insegurança urbana, a preferência pela moradia em condomínios fechados manifesta, também, o

desejo de se fazer distinto, quer social, quer espacialmente, de se manter longe ‘das vulgaridades da rua’, identificada, ainda hoje, como o espaço do pobre, do moleque, do socialmente marginalizado, enfim. [...] Nesse sentido, o argumento da insegurança urbana, usado como justificativa para esse modo de habitar expressa apenas uma meia verdade” (Leitão, 2005, p. 240).

Esse é o cenário observado em Sobral nesta segunda década do Século XXI, quando diversos fatores sociais, econômicos e históricos se coadunam para a formação de um tecido urbano fragmentado, repleto de desigualdades, onde a maior parte da população não tem pleno acesso e direito à cidade (Harvey, 2014).

A violência em Sobral

O que se percebe na trajetória de crescimento urbano de Sobral é que houve uma mudança nos critérios de estigmatização espacial. Herbert Rocha destaca que o rio Acaraú e os trilhos da linha da Estrada de Ferro de Sobral (instalada a partir de 1878) foram os principais fatores de adensamento populacional de Sobral, pois limitaram a expansão da cidade por um longo período. “Os trilhos, até o começo da última década de 80, representavam o limite físico entre a classe dominante e o proletariado. Era pejorativo dizer que alguém morava ‘depois da linha’ ou ‘do outro lado do rio’, isto é, à margem direita” (Rocha, 2003, p. 212).

Se morar além dos trilhos ou “do lado de lá do rio” era considerado demérito até a década de 1980 (Rocha, 2003), nos dias de hoje, quando estas barreiras físicas já foram superadas, o discurso que justifica a segregação socioespacial baseia-se em outros critérios, especialmente renda e violência, ou melhor, deriva da relação simplista e perversa que estabelece uma correlação causal direta entre pobreza e violência, baseada em preconceitos de classe, relação esta que pode ser rebatida com alguns argumentos enumerados por Michel Misse:

- 1) se a pobreza causasse o crime, a maioria dos pobres seria criminosa, e não é;
 - 2) a esmagadora maioria dos presos e desocupados é de pobres, pretos e desocupados porque a polícia segue um “roteiro típico” que já associa de antemão a pobreza (ou a marginalidade e também os negros e os desocupados) com a criminalidade;
 - 3) os próprios pobres declaram nas pesquisas que não se identificam com qualquer carreira criminal, pois são “trabalhadores honestos”.
- Além disso, a “tese” não explica porque a maioria dos criminosos pobres é masculina e jovem (Misse, 1995, p. 4-5).

Ao alertar para o risco de se reforçar estigmas espaciais ao tratar sobre as áreas de elevados indicadores de violência, Pablo Silva Lira lembra que entre os pressupostos da teoria da rotulação

(*labeling approach*) está a afirmativa de que “nessas regiões os estigmas sociais não recaem somente sobre os criminosos, podendo atingir comunidades que passam a conviver com prejuízos simbólicos, muitas vezes irreparáveis” (Lira, 2014, p. 28-29).

É interessante perceber que as imagens socialmente construídas sobre os bairros não são apenas de uma camada social em relação à outra. A desconfiança se estabelece também em relação ao Outro (sujeito sociológico) como aquele diferente de mim, no caso, àquele que não vive nas mesmas condições e local do sujeito, que não compartilha os mesmos espaços, daí, em certa medida, há um “estranhamento”. Ou como um mecanismo de defesa, de negação, se procura enaltecer seu espaço de vivência, apontando os problemas como algo exógeno, fora deste espaço. Assim, falas como “aqui onde eu moro é bom. Perigoso é ali na outra rua” se tornam comuns nas narrativas dos moradores, independentemente de sua camada social de origem.

Estas percepções foram inicialmente verificadas quando foi aplicada pesquisa entre moradores de Sobral com o objetivo de averiguar a forma como classificam os bairros, segundo uma escala de sensação de perigo, devido à violência urbana. A aplicação do questionário representou o primeiro momento desta pesquisa, cuja metodologia e resultados deram origem ao que aqui se convencionou chamar de “cartografia da percepção da violência em Sobral”, sendo cartografia, segundo o IBGE (2018, s.p.), definida como:

[...] um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo como base os resultados de observações diretas ou a análise de documentação já existente, visa a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão gráfica ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização.

Dessa forma, no caso da cartografia da percepção da violência em Sobral (mencionada de agora em diante sem as aspas), tem como resultado a elaboração de mapas e gráficos que, baseados nos resultados da pesquisa aplicada a uma amostra da população sobralense, representem suas percepções sobre a espacialidade da violência na cidade.

O imaginário do medo é construído, como nos lembra Luciana Cruz (2011, p. 22), sob a influência de diversos fatores, dentre os quais “a indústria da segurança, os índices de criminalidade, o sensacionalismo midiático em torno da violência, as experiências alheias e a credibilidade no sistema de segurança pública”. Contudo, vale ressaltar que nem todo cidadão tem acesso ou interesse em acessar estatísticas sobre a criminalidade. Mesmo as pessoas mais

“apavoradas” dificilmente buscam basear suas práticas e vivências nos dados estatísticos disponibilizados pelos órgãos de segurança pública.

O medo se propaga na vida cotidiana através de uma espécie de contaminação, pois, segundo Fernandes e Rêgo (2011, p. 170),

[...] sentimos medo ao sentir que os outros o sentem. O rumor insegurizante foi invadindo as grandes cidades e, depois, as cidades de menor escala, à medida que se iam repetindo as notícias sobre assaltos um pouco por toda a parte [...] numa espécie de demonstração mediática de que a criminalidade se dispersou e de que ninguém está seguro em parte alguma.

Normalmente, o cidadão comum tem acesso a este tipo de informação através da mídia, dos meios de comunicação de massa, que bem ou mal, tem participação na construção e reprodução de discursos e simbolismos sociais. Como afirma Fausto Neto (1999, p. 18), “as mídias transformam-se em lugares de passagem daquilo que a sociedade produz discursivamente”, atuando na reprodução e amplificação de impressões. É o medo difuso que atua no estabelecimento de percepções na cidade moderna, se esgueirando em cada traço da convivência na vida urbana, ou nas palavras de Marcelo Lopes de Souza, agindo no estabelecimento da fobópole, ou seja, “uma cidade dominada pelo medo da criminalidade violenta” (Souza, 2008, p. 9).

Como será visto a seguir, este medo difuso gera estigmas e diversas contradições, muitas vezes imperceptíveis a quem os adota e reproduz como verdade.

METODOLOGIA

Pesquisa de percepção sobre a violência em Sobral

O primeiro passo desta pesquisa foi a aplicação de um questionário exploratório, em fevereiro de 2017, sobre a percepção dos moradores de Sobral acerca da violência e insegurança nesta cidade. Inicialmente, foi aplicado de forma digital através do recurso de formulários desenvolvido pela Google (auto preenchido) a um grupo de teste com algumas dezenas de pessoas de perfis diversos, tanto economicamente, quanto de local de moradia, instrução etc. Este momento foi fundamental para que alguns ajustes necessários fossem feitos, tornando os resultados mais confiáveis.

A seguir, com os ajustes efetuados, o formulário, com questões fechadas (estruturado) foi disponibilizado novamente tanto de forma digital, quanto impressa, com aplicação direta (auto preenchido ou com auxílio dos aplicadores), conforme classificação proposta por Mattar (1996).

A versão final do questionário foi aplicada entre junho e julho de 2017¹ junto a uma amostra aleatória simples (ou casual simples), ou seja, aquela na qual todos os elementos têm a mesma probabilidade de serem selecionados. Optou-se por aplicar o método de conglomerados, uma unidade onde se pode concentrar parte de uma população (universidade, comércio etc.), que tem de ser representativo da população. Neste caso, uma equipe de cinco aplicadores atuou aleatoriamente em pontos de bastante fluxo na sede do município de Sobral, especialmente no centro comercial, onde transitam diariamente pessoas de todos os bairros.

Desse modo, a amostra foi composta especificamente por moradores de Sobral, sendo este o único critério de validação. Contudo, informações sobre escolaridade, sexo, idade e tempo de residência também foram levantados no formulário, mas sem caráter eliminatório, e sim como elementos para posterior análise dos dados.

Como a população estimada de Sobral em 2017, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 205.529 pessoas, aplicando-se erro amostral padrão de 5%, nível de confiança de 95%, após a realização dos cálculos amostrais, chegou-se à amostra mínima de 384 respondentes necessários (Santos, s.d.). Após a aplicação da pesquisa, obteve-se um total de 514 formulários respondidos, sendo que 17 foram descartados por terem sido respondidos por não moradores de Sobral, restando um total de 497 respostas válidas.

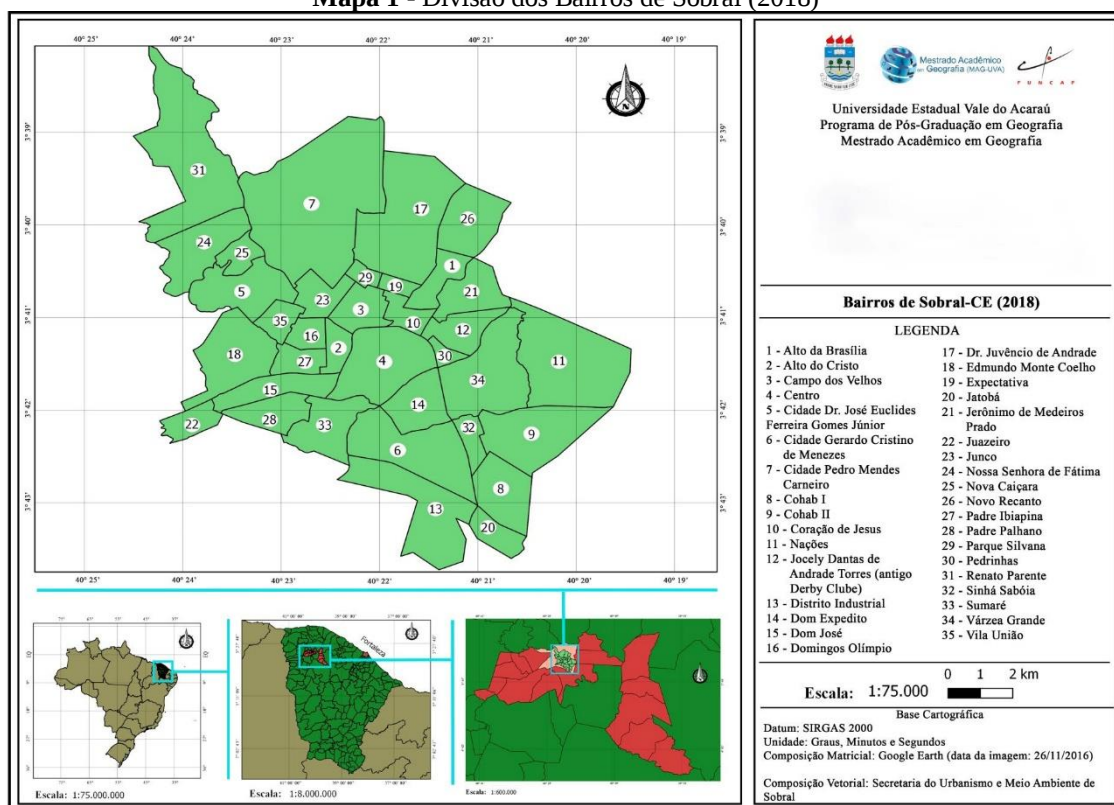
Composto por 16 questões, o formulário de caráter exploratório foi aplicado com o intuito de sondar a visão geral dos moradores de Sobral sobre determinadas áreas da cidade, como forma de direcionar os passos seguintes da pesquisa. A partir do questionário foi possível observar quais comunidades são encaradas pela população como seguras, inseguras e até violentas. Vale ressaltar que quando o questionário foi aplicado, tanto o perímetro urbano de Sobral quanto a denominação, limites e quantidade de bairros era um pouco diferente. Até o momento da aplicação, estes aspectos eram regulamentados pela Lei Complementar Nº 33 de 15 de dezembro de 2010, segundo a qual a cidade de Sobral era composta por 37 bairros: Alto da Brasília (Betânia), Alto do Cristo, Cachoeiro,

¹ A pesquisa foi desenvolvida entre 2017 e 2019, período em que o autor, com bolsa oferecida pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), cursou o Mestrado Acadêmico em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, sob a orientação da Profa. Dra. Telma Bessa Sales. Apesar da distância temporal, os dados são importantes para a compreensão do processo de ocupação ainda em curso da região oeste da cidade de Sobral.

Campo dos Velhos (Parque Alvorada), Centro, Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior (Terrenos Novos), Cidade Gerardo Cristino de Menezes, Cidade Pedro Mendes Carneiro (Cohab III), Cohab I, Cohab II, Coração de Jesus, bairro das Nações (loteamento Morada da Boa Vizinhaça), Derby Clube, Distrito Industrial, Dom Expedito, Dom José (Alto Novo), Domingos Olímpio, Dr. Juvêncio de Andrade (Loteamento Morada dos Ventos), Edmundo Monte Coelho, Expectativa, Jardim, Jatobá, Jerônimo de Medeiros Prado, Juazeiro, Junco, Mucambinho, Nossa Senhora de Fátima (Loteamento Nossa Senhora de Fátima), Novo Recanto, Padre Ibiapina, Padre Palhano, Parque Silvana, Pedrinhas, Renato Parente (Loteamento Moradas do Planalto), Sinhá Saboia, Sumaré (Pantanal), Várzea Grande (Marrecas) e Vila União.

Com a Lei Complementar Nº 56, de 6 de dezembro de 2017, o perímetro urbano de Sobral foi reduzido e a quantidade de bairros caiu para 35, deixando de existir os bairros Cachoeiro, Jardim e Mucambinho, o Derby Clube teve o nome alterado para Jocely Dantas de Andrade Torres e o Conjunto Residencial Nova Caiçara passou a ser considerado bairro. Além disso, Várzea Grande, depois chamado de Parque das Nações, passou, em 2019, a ser chamado de Antônio Carlos Belchior, em homenagem ao cantor e compositor sobralense, falecido em 30 de abril de 2017.

Mapa 1 - Divisão dos Bairros de Sobral (2018)



Fonte: Google Earth (2016). Elaborado pelos autores.

Após a aplicação da pesquisa teste, alguns conjuntos habitacionais, comunidades e nomes populares dos bairros foram acrescentados no formulário final, totalizando 45 bairros e comunidades. Os casos de acréscimo foram o Conjunto Residencial Nova Caiçara, até então não reconhecido como bairro, Conjunto Santo Antonio (localizado no bairro Cidade Gerardo Cristino de Menezes), Santa Casa e Tamarindo (localizadas no Centro), Paraíso das Flores e Residenciais Recanto I e II (no bairro Novo Recanto).

Outro fator importante observado e alterado a partir do formulário teste foi a classificação sugerida entre os critérios de “sensação em relação à segurança dos bairros”. A versão final contou com a seguinte classificação: seguro, inseguro, não possuo informações (desconheço o bairro) e violento. Cada item será explicado no momento de análise das respostas. Cada respondente assinou o espaço reservado para aceite na pesquisa (no caso do formulário impresso), ou marcou a opção de aceite no formulário digital disponibilizado através de e-mail e redes sociais.

Os dados obtidos a partir dos questionários possibilitaram a criação da cartografia da percepção da violência. O geoprocessamento das informações e a elaboração dos mapas, através de ferramenta do Sistema de Informação Geográfica – SIG, neste caso, o aplicativo QGIS 2,18 Las Palmas, permitiu a percepção do grupo de resposta dos questionários aplicados, como visto a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos participantes do primeiro momento da pesquisa

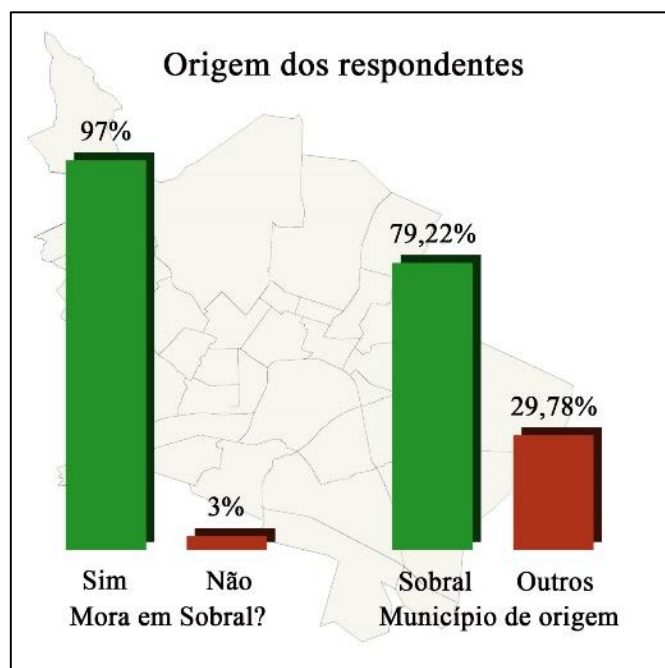
A primeira parte do formulário trazia questões sobre o perfil dos respondentes. Dos 497 formulários validados, 70,22% foi respondido por pessoas naturais de Sobral, resultado que oferece dados bastante interessantes para a análise, pois o objetivo é exatamente perceber o impacto dos discursos estigmatizantes veiculados pela mídia local sobre a opinião dos sobralenses (e moradores de Sobral) acerca da violência na cidade.

A maior parte das pessoas que respondeu é do gênero feminino (60,56%), o que foge um pouco da realidade de Sobral, cujo equilíbrio entre os gêneros prevalece (segundo dados fornecidos pelo IBGE, o percentual de homens e mulheres em Sobral era à época, respectivamente, de 50,45% e 49,54%) (IBGE, 2017).

Quanto à idade, 39,63% estão entre os 20 e os 30 anos, ou seja, população na faixa etária economicamente ativa. Na população geral, este percentual chega a 21,83%. A diferença pode ser explicada pelos locais e horários de aplicação dos formulários impressos, sendo normalmente em áreas centrais e em horário comercial.

A pergunta de validação, sobre o local de residência do respondente, teve como retorno 497 formulários válidos, ou seja, de moradores de Sobral, e 17 descartados (respondidos online). Este resultado quase dobrou a amostra mínima necessária para que os resultados tivessem valor estatístico (Gráfico 1).

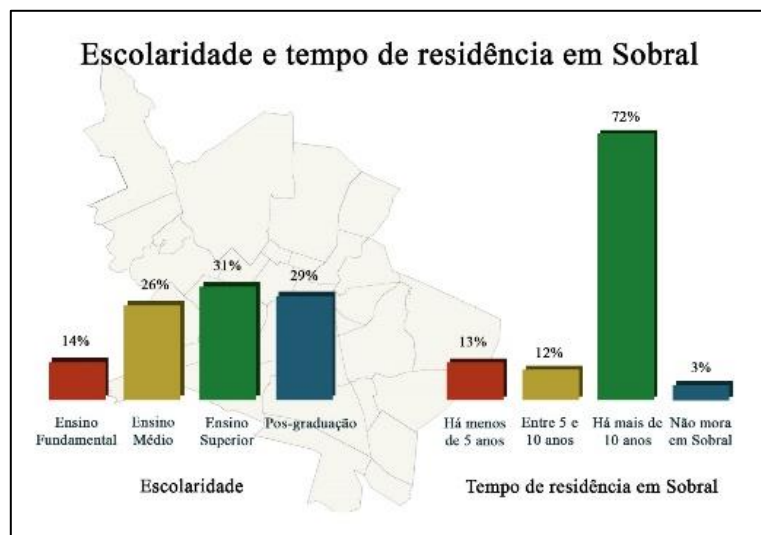
Gráfico 1 - Origem dos respondentes



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à escolaridade, a pesquisa foi respondida por perfis variados. Outro dado interessante dos respondentes é que a grande maioria (72%) mora há mais de 10 anos em Sobral. Por viverem há bastante tempo na cidade, acompanharam as últimas mudanças na organização espacial local, lhes oferecendo uma perspectiva bastante interessante para esta pesquisa (Gráfico 2).

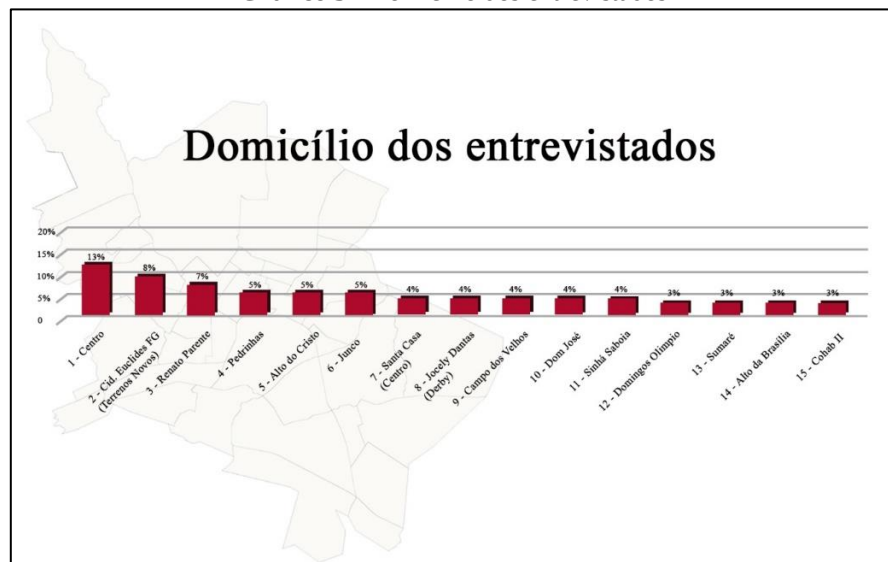
Gráfico 2 - Escolaridade e tempo de residência em Sobral dos respondentes



Fonte: Elaborado pelos autores.

A pesquisa foi respondida por moradores de quase todos os bairros de Sobral, com um dado interessante: dos 15 bairros com maior percentual de respondentes, apenas 3 não figuram na lista dos 15 mais populosos segundo o IBGE: Jocely Dantas (Derby Clube), apontado como o 17º mais populoso no último censo, Santa Casa, que na verdade não é um bairro, mas sim uma área dentro do Centro, e o Renato Parente, que não figurava na lista do censo, pois apenas naquele ano tornou-se bairro. O destaque fica por conta do Centro, que corresponde por cerca de 13% da população urbana de Sobral e repete o percentual na pesquisa (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Domicílio dos entrevistados

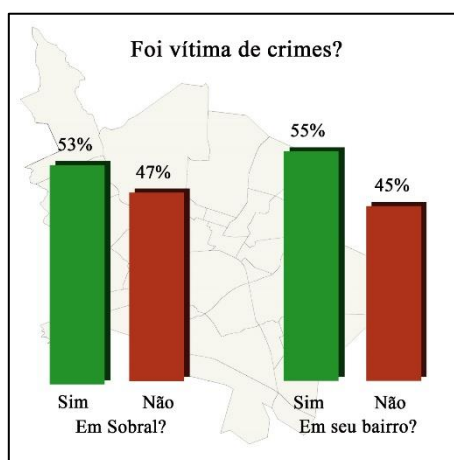


Fonte: Elaborado pelos autores.

As percepções sobre a violência em Sobral

Após as perguntas sobre o perfil, o formulário traz questões sobre como a violência afeta os hábitos dos respondentes. O primeiro item questiona se o participante foi vítima de algum crime em Sobral, desde crimes contra o patrimônio, como invasões a residências, furtos e assaltos, até crimes contra a pessoa, como agressões ou tentativas de homicídio, por exemplo. Levando-se em consideração a margem de erro da pesquisa, de 5%, é bastante considerável que praticamente a metade afirme já ter sido vítima de algum tipo de crime. Entre aqueles que foram vítimas, 55% foram no próprio bairro, ou seja, dentro da margem de erro, metade dos respondentes foram vítimas de crime no próprio bairro onde mora (Gráfico 4).

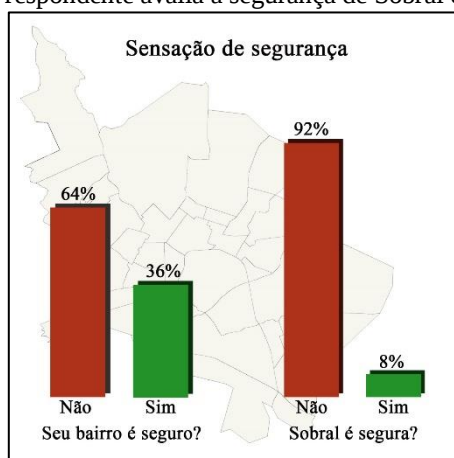
Gráfico 4 – Respondente foi vítima de crimes em Sobral ou no seu bairro



Fonte: Elaborado pelos autores.

Outro dado interessante diz respeito à sensação de segurança no próprio bairro e na cidade. O medo difuso está tão presente no cotidiano dos respondentes que a maior parte não considera nem mesmo o próprio bairro seguro (64%). Quanto a Sobral, a percepção negativa é quase unânime. Vale destacar que ao chegarem a esta pergunta, a maioria dos respondentes de forma presencial fizeram comentário semelhante: “Sobral está toda perigosa” (Gráfico 5). Outro dado relevante é que, das 40 pessoas que responderam achar Sobral segura, a maior parte é oriunda de outras cidades, especialmente de Fortaleza, e moram há mais de cinco anos em Sobral. Neste caso, as questões da percepção e do referencial pesam, pois a sensação de insegurança e as estatísticas de crimes na capital superam consideravelmente os de Sobral.

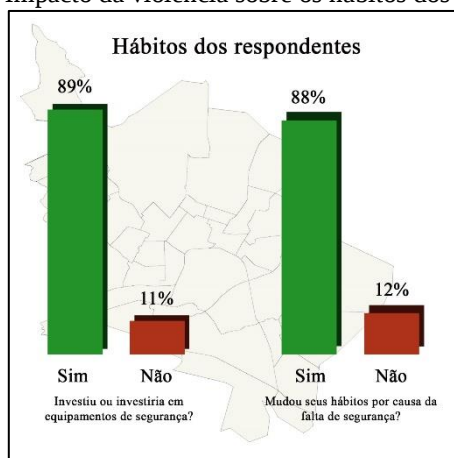
Gráfico 5 – Como o respondente avalia a segurança de Sobral e de seu próprio bairro



Fonte: Elaborado pelos autores.

O medo da violência também afeta os hábitos das pessoas. Dos 497 pesquisados, 89% disseram que investiram ou investiriam em dispositivos de segurança (câmeras, alarmes, sensores residenciais etc.) para se sentirem mais seguros. Além disso, 88% afirmaram que mudaram algum hábito, como deixar de caminhar sozinho(a), deixar de andar em alguns lugares em determinados horários, deixar de usar equipamentos caros em público etc (Gráfico 6).

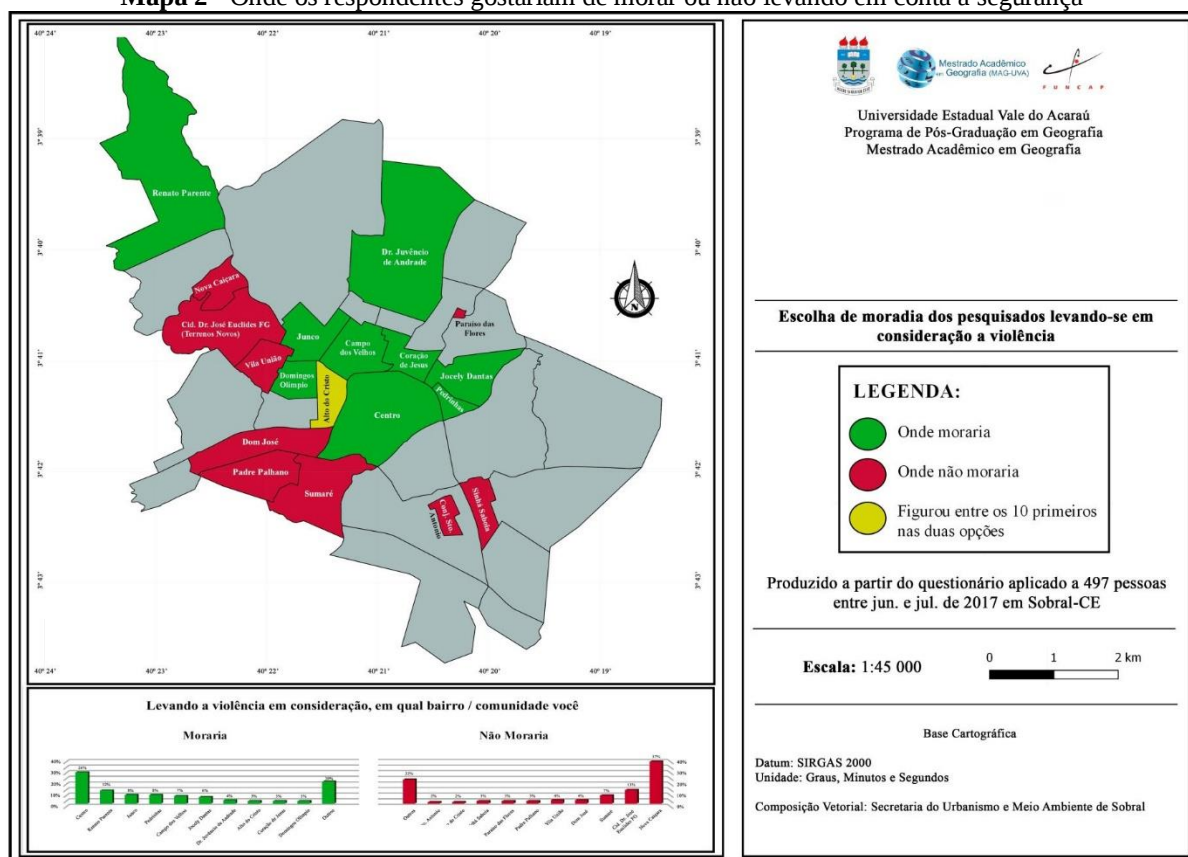
Gráfico 6 - Impacto da violência sobre os hábitos dos respondentes



Fonte: Elaborado pelos autores.

A pesquisa traz ainda a informação mais relevante para este artigo: a influência que o medo da violência exerce sobre as escolhas de moradia. A maioria dos participantes gostaria de residir no Centro da cidade, área que, como descrito no tópico anterior, foi o primeiro núcleo de povoamento e ainda hoje guarda certo *status*, tanto simbólico quanto prático, pois concentra a maior parte dos serviços oferecidos na cidade (Mapa 2).

Mapa 2 - Onde os respondentes gostariam de morar ou não levando em conta a segurança



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Centro é seguido pelo Renato Parente e alguns dos outros bairros considerados “nobres” da cidade. Contudo, uma presença interessante entre os dez mais desejados como lugar de moradia é o Alto do Cristo. Visto por muitos como inseguro (234) e até mesmo violento (119), sendo encarado como seguro por apenas 55 respondentes (conforme analisado no tópico seguinte), o bairro foi apontado como o 8º mais desejado para se morar, com 3% das menções. É interessante perceber que o Alto do Cristo ficou igualmente entre os dez mais e dez menos desejados. Como a pesquisa é de percepção, deve-se levar em conta a relativização. Os respondentes que residem em “áreas nobres” da cidade não morariam no bairro. Já aqueles que moram em áreas que consideram mais violentas, veem o Alto do Cristo como uma comunidade mais tranquila.

Em relação ao local onde o respondente não moraria de forma alguma por considerar sem segurança, é considerável o percentual registrado pelo Conjunto Residencial Nova Caiçara (Figura 1), recentemente transformado em bairro, que atingiu 37,22% das menções, deixando em segundo lugar o bairro onde inicialmente estava localizado, os Terrenos Novos, com 13,08%. Para que se tenha uma ideia, o terceiro colocado, o Sumaré, obteve apenas 6,64% das opiniões.

Figura 1 - Vista panorâmica do Bairro Caiçara, em Sobral-CE



Fonte: Tiago Stille (2016)².

As percepções do medo e a cidade

A relação entre as pessoas e o espaço se dá através de suas percepções. É através das informações apreendidas pelos sentidos e processadas pelo intelecto, mediadas por experiências positivas e negativas e pelos signos pertencentes a determinada cultura, que fazem com que determinado local seja representado de formas diferentes. Assim, um mesmo bairro, uma mesma rua, pode ser encarado como “lar doce lar” para alguns e área a ser evitada por outros.

[...] é através da percepção que se constrói o conhecimento do espaço adjacente e organiza outro, individualizado. Ou seja, a percepção é um dos processos necessários para a estruturação do mundo para a pessoa. Contudo, privilegiar a experiência sensível em prejuízo ao pensamento seria ratificar o empirismo, pois a realização do corpo pressupõe a indissociabilidade entre capacidades sensíveis e intelectuais a consciência humana (Malanski, 2014, p. 33).

² Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2016/12/17/sobral-1280-novas-casas-sao-entregues-no-maior-programa-habitacional-do-interior/>.

O processo de fobopolização³ pela qual passam os centros urbanos (Souza, 2008), esse medo difuso que contamina a vida nas cidades, tem como consequência o estabelecimento de uma percepção generalista de que o que é estranho é perigoso, seja um habitante desconhecido, seja um local fora de nosso deslocamento rotineiro. O medo difuso tem como resultado um constante estado de alerta, no qual o que foge de uma “normalidade” quase mecânica, que destoa dos cenários vividos cotidianamente ou de estereótipos aceitos como positivos, é visto com um misto de desprezo e animosidade.

Com os bairros e comunidades de Sobral, bem como com seus moradores, não é diferente. As percepções sobre determinadas áreas da cidade são construídas, muitas vezes, a partir de informações de terceiros e especialmente da mídia. Como afirmam Maria Paula Moreira e Maria Benedicta Monteiro, “a maior parte das coisas que nós sabemos ou pensamos, não foram experienciadas (isto é, vividas, por nós pessoalmente), mas ouvidas através de histórias que nos são contadas” (Moreira; Monteiro, 2009, p. 31).

Segundo as autoras, são essas histórias o que chamamos de arte, religião, educação, organização política dentre outras, que em conjunto constroem a rede de símbolos chamada cultura. Para elas, é exatamente neste ponto onde entra a mídia, que de acordo com a Teoria de Cultivação de Crenças (*Cultivation Theory*), do sociólogo americano George Gerbner, ajuda a incutir pontos de vista comuns e estereótipos, como em relação à violência, pois as pessoas estão mais propensas a experimentar cenas de violência na televisão (em programas noticiosos ou de entretenimento) do que na vida real.

Desse modo, para Moreira e Monteiro, a visão de mundo das pessoas acaba alterada: “os telespectadores mais assíduos irão tendencialmente perceber o mundo como um lugar assustador e mau, acreditando que o crime e a violência são mais frequentes do que realmente são, e tomar precauções para se protegerem da criminalidade” (2009, p. 32).

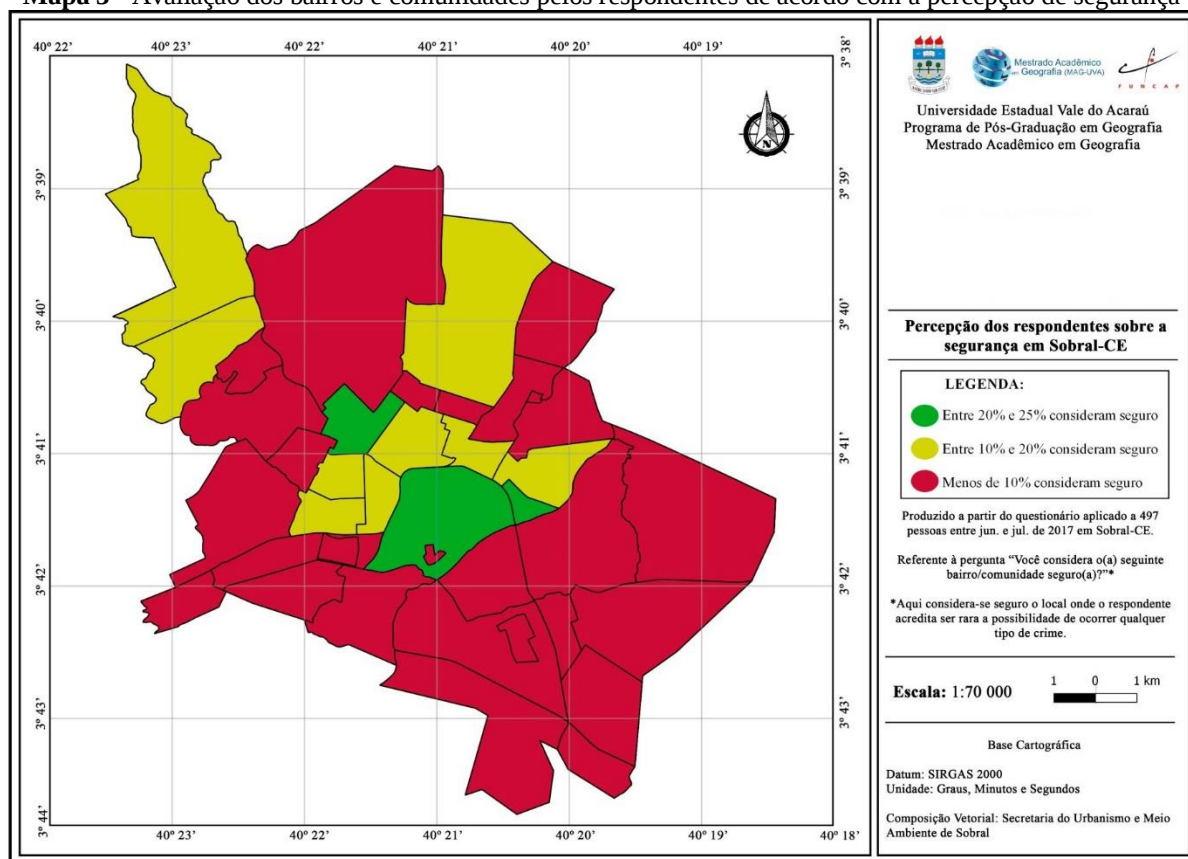
Nesse sentido, é interessante ser verificada a percepção dos moradores de Sobral sobre sua cidade, especificamente sobre os bairros e comunidades, levando-se em consideração o fator violência urbana, que como visto nos tópicos anteriores tem o poder de influenciar as práticas e hábitos. Para isso, foi solicitado no item 14 do questionário que os respondentes classificassem 45 bairros e comunidades de acordo com uma proposta de escala de percepção de violência.

³ De forma sucinta, o desenvolvimento de um sentimento de medo em relação ao espaço público das cidades (Souza, 2008).

Aos respondentes foram apresentados os nomes dos locais e deveriam marcar, para cada um deles, uma opção entre as quatro seguintes: seguro (pouca probabilidade de serem vítimas ou presenciarem algum tipo de crime, mesmo os não violentos, como furtos), inseguro (grande probabilidade de serem vítimas ou presenciarem algum tipo de crime não violento, como furtos), desconhece (não sabe onde fica a comunidade, nunca ouviu falar sobre ela ou não tem informações suficientes para formar opinião) e violento (grande possibilidade de ocorrerem homicídios).

Para facilitar a identificação das comunidades a serem avaliadas, os nomes populares foram colocados ao lado dos oficiais sempre que possível. A lista das 45 comunidades foi composta pelos 37 bairros oficiais na época mais as comunidades apontadas pela pesquisa exploratória teste (Mapa 3).

Mapa 3 - Avaliação dos bairros e comunidades pelos respondentes de acordo com a percepção de segurança



Fonte: Elaborado pelos autores.

As respostas das questões permitiram a elaboração dos mapas e gráficos utilizados neste artigo (cartografia da percepção da violência), bastante esclarecedores sobre a percepção dos respondentes. Vale novamente enfatizar que os respondentes avaliaram cada um dos bairros/comunidades, ou seja, cada um destes locais foi avaliado por todos os 497 respondentes.

Desse modo, os percentuais se referem à quantidade de respondentes que coincidentemente avaliaram da mesma forma o bairro/comunidade, podendo coincidir ou não as respostas dos demais itens. Por isso, ao afirmar, por exemplo, que o Centro e o Junco foram classificados como inseguros por 64% e 61% dos respondentes respectivamente, não é erro de cálculo, mas significa que dos 497 respondentes, 318 avaliaram o Centro dessa forma e 303, consideraram o Junco também inseguro.

Sobre os bairros e comunidades considerados seguros, nenhum foi unanimemente apontado como tal. Na verdade, nenhum bairro ou comunidade foi classificado como seguro por mais do que 26% dos respondentes. É considerável que apenas este percentual considere algum bairro ou comunidade realmente segura em Sobral. Além disso, apenas três bairros atingiram mais de 20% desta avaliação: Junco (26%), Centro (25%) e Pedrinhas (22%).

Dos demais bairros e comunidades, nove foram avaliados como seguros por percentuais entre 10% e 20% dos respondentes: Coração de Jesus (19%), Renato Parente (16%), Jocely Dantas (16%), Domingos Olímpio (16%), Nossa Senhora de Fátima (14%), Campo dos Velhos (14%), Alto do Cristo (11%), Dr. Juvêncio de Andrade (10%) e Padre Ibiapina (10%).

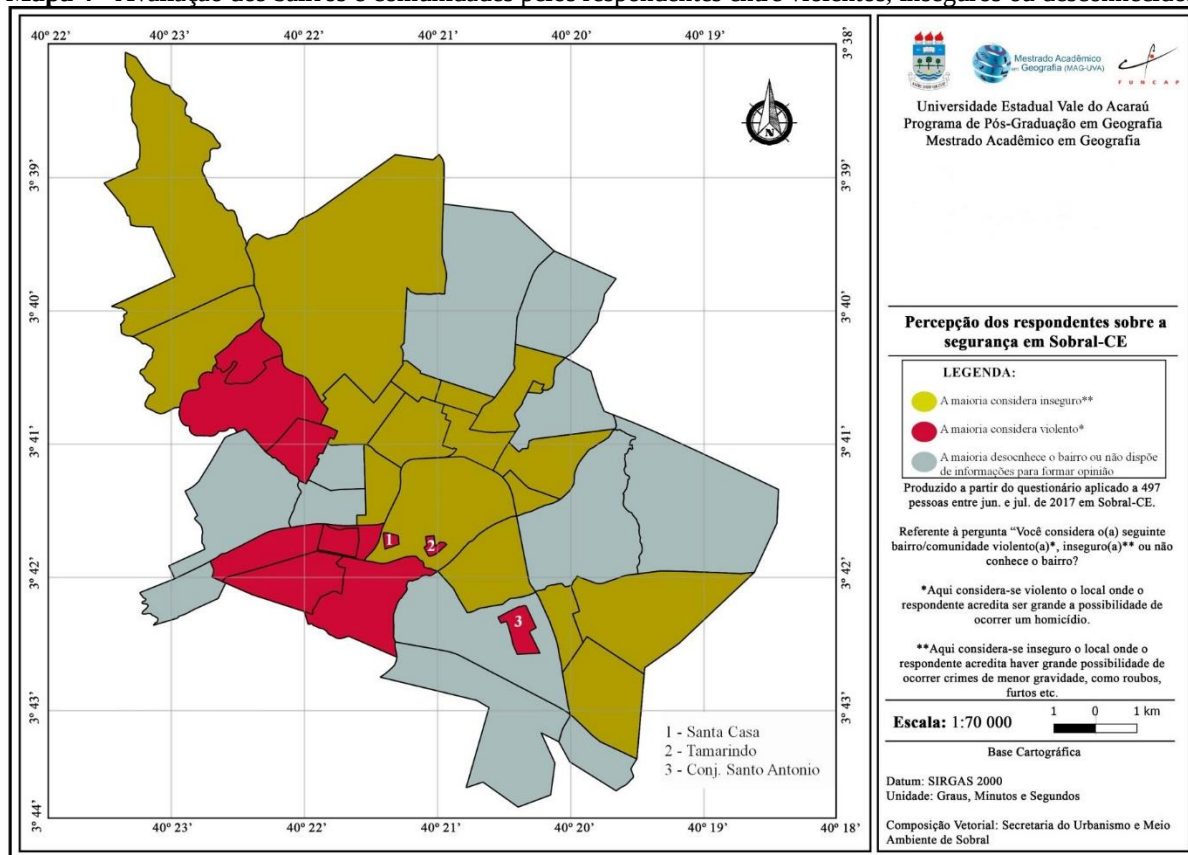
Dos doze bairros listados, sete estão entre os que figuram como áreas de maior valor imobiliário e, conseqüentemente, são ocupados por pessoas de maior poder aquisitivo (Junco, Centro, Renato Parente, Jocely Dantas, Nossa Senhora de Fátima, Dr. Juvêncio de Andrade e Campo dos Velhos). Já os demais são vistos como bairros populares (Aguiar Júnior, 2005). Vale salientar que o bairro Coração de Jesus tem mudado de perfil desde a urbanização do Riacho Pajeú, que deu origem ao Parque da Cidade, fato que promoveu a retirada de famílias de baixa renda do local e estimulou a especulação imobiliária. Atualmente, o Parque da Cidade é margeado por diversos empreendimentos residenciais de três a quatro pavimentos e pontos comerciais.

Ao observar o mapa, percebe-se que sobre a área central há a percepção de maior segurança, embora para uma minoria dos respondentes. O maior fluxo de pessoas pela concentração de serviços e comércio transmite uma menor percepção de perigo para os respondentes. Fora da área central, apenas os bairros recentes e de grande interesse imobiliário foram apontados como seguros por um número considerável de respondentes: Dr. Juvêncio de Andrade (loteamento Morada dos Ventos), Nossa Senhora de Fátima (loteamento Rosário de Fátima) e Renato Parente (loteamento Morada do Planalto). Estes dados reforçam o clima de fobopolização de Sobral. Nenhum dos 45 bairros e comunidades obteve a maioria das avaliações como “seguro”. Como visto, o que obteve maior percentual como seguro foi o Junco, com 26%, mas quando se leva em conta apenas a

maioria das classificações, ele é percebido por 60% dos respondentes como inseguro (como visto no próximo mapa).

Quanto aos bairros considerados inseguros, ou seja, onde há grande possibilidade de ocorrência de crimes não violentos, metade estão entre os que apresentam famílias com maior rendimento. Os demais são considerados bairros populares (Mapa 4).

Mapa 4 - Avaliação dos bairros e comunidades pelos respondentes entre violentos, inseguros ou desconhecidos



Fonte: Elaborado pelos autores.

É importante registrar que dos dez bairros com maior percentual de classificação como inseguros, o primeiro colocado, o Centro, foi avaliado dessa forma por 64% dos respondentes, já o décimo, o Cachoeiro (que deixou de ser considerado como bairro em 2017, tendo uma parte, nas imediações da estrada para a Meruoca, incorporada ao bairro Renato Parente), obteve essa avaliação em 45% das respostas, percentuais consideráveis.

Outro dado interessante é sobre os bairros desconhecidos pela maioria dos respondentes, ou seja, aqueles sobre os quais os respondentes não souberam opinar por desconhecerem ou por não possuírem informações a respeito. Todos os listados são frutos de ocupações relativamente

novas, representando áreas de expansão urbana a oeste, sul e a norte e nordeste, fora do traçado original da área intra-trilhos. São aquilo a que Bauman chama de “espaços vazios” (2001), lugares sem significado, que vão além do evitamento, mas são realmente invisíveis, fora da percepção dos habitantes da cidade.

Contudo, mesmo os espaços vazios, como um bairro pouco conhecido de Sobral como o Juazeiro (quase todos os respondentes se surpreenderam à simples menção deste bairro), com a fobopolização ganham rapidamente avaliação negativa, pois estranhos, evocam incerteza e, portanto, da insegurança. No caso do bairro Juazeiro, se 66,1% o classificaram como desconhecido, 28,7% o consideraram inseguro, 3,2% como violento e 1,8% como seguro. Isso é reflexo ainda da pouca ocupação do bairro e pelo fato de não figurar nos noticiários locais.

O desconhecimento é um reflexo da segregação socioespacial, que tem como uma de suas consequências a falta de apropriação da cidade por grande parte de seus habitantes (Corrêa, 1995), o que se percebe inclusive pelo desconhecimento das denominações oficiais de bairros tradicionais, conhecidos normalmente pelos nomes populares, como Terrenos Novos (Cidade José Euclides Ferreira Gomes), Alto Novo (Dom José) e Pantanal (Sumaré), o que reflete a falta de democratização das decisões sobre o espaço urbano. Caso que também ilustra essa situação é o do bairro Gerardo Cristino de Menezes, desconhecido por 46% dos respondentes, mas cujo núcleo de ocupação, o Conjunto Santo Antonio, é classificado como violento em 43,4% das respostas.

Já os dez bairros e comunidades considerados mais violentos, ou seja, onde há grande possibilidade de ocorrência de homicídios, todos são bairros populares, cujos habitantes apresentam as menores rendas na cidade. Dentre eles, excetuando-se a comunidade do Tamarindo, área de risco no Centro da cidade, todos estão fora do perímetro intra-trilhos, mais um reflexo da expansão urbana segregacionista que ocorreu em Sobral.

Salienta-se também a expressiva maioria registrada pela região do bairro Cidade José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos) neste critério. Na época da pesquisa, o Residencial Nova Caiçara ainda não era considerado bairro, fazendo parte dos Terrenos Novos, ou seja, os dois primeiros colocados representam a área mais violenta na percepção dos entrevistados (registrando, respectivamente, 69% e 59% das avaliações como violentos). Completando a lista dos dez bairros e comunidades que obtiveram mais avaliações como violentos, figuram, respectivamente, o Sumaré (59%), Dom José (50%), Vila União (49%), Santa Casa (45%), Conjunto Santo Antonio (43%), Padre Palhano (42%), Paraíso das Flores (36%) e Tamarindo (33%).

Entre os dez primeiros colocados neste quesito, três são conjuntos habitacionais, nascidos a partir de um planejamento urbano definido, com infraestrutura que não está presente em outras áreas da cidade, o Paraíso das Flores, o Santo Antonio e o Nova Caiçara, que devido suas grandes dimensões passou a ser um dos bairros oficiais de Sobral.

Com menos de três anos de existência na época da aplicação da pesquisa, o Nova Caiçara já havia sido estabelecido no imaginário popular como a área mais violenta de Sobral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao transpormos as impressões de medo da insegurança e violência dos respondentes da pesquisa, pudemos constatar que apesar do processo de espraiamento de Sobral ter alterado as feições espaciais da cidade, a área central segue no imaginário como a mais “segura”. A sensação de medo e percepção da violência cresce proporcionalmente ao aumento do distanciamento da área central.

O medo do desconhecido também se faz presente, pois constatamos que muitos dos respondentes desconhece uma porção considerável do território sobralense, e esses “espaços vazios”, assim como quaisquer outros elementos desconhecidos, provocam o medo. Mesmo os bairros considerados “elitizados”, por serem localizados mais distantes da área central e, conseqüentemente, terem acesso mais difícil, parecem apartados do tecido urbano e, portanto, são desconhecidos por grande parcela da população. Assim, tais bairros, mesmo considerados como as mais aquecidos pelo mercado imobiliário, são normalmente encarados com certa desconfiança.

A desconfiança é potencializada quando se tratam de bairros habitados por um perfil mais empobrecido de moradores, com maior adensamento populacional e com menor oferta de serviços públicos e privados. A ausência do poder do Estado faz com que se tornem atrativos para o crime e acabam estigmatizados e estigmatizantes. Tais bairros são encarados como zonas perigosas e violentas da cidade e seus moradores alvos de preconceito, em um ciclo de retroalimentação que sustenta os estigmas socioespaciais e, em certos casos, até uma segregação socioespacial, em certa medida, seja quando tais cidadãos têm seus direitos básicos negados, seja quando perdem oportunidades de trabalho simplesmente por morarem em determinados bairros (Freitas, 2019).

Há diversas outras considerações que merecem ser enfatizadas, como o fato de que grande parte dos bairros onde mais se deseja morar serem localizados na área central de Sobral, uma herança do período em que ali se concentravam praticamente todos os serviços oferecidos à

população, desde o comércio, saúde, educação e, evidentemente, havia maior segurança com a presença das autoridades policiais. Mesmo que atualmente esta realidade seja diferente, com uma maior distribuição dos serviços públicos e privados pela cidade, os bairros no entorno do Centro seguem sendo desejados como moradia por grande parte dos respondentes, assim como os bairros periféricos populares, estigmatizados pelo medo da violência, são preteridos.

O que se pode extrair de tais percepções é que, mesmo tendo havido um processo de espraiamento da cidade em todas as direções, durante muito tempo a oferta de serviços públicos não acompanhou tal expansão, sobretudo a falta de serviços de transporte público, o que impacta diretamente na percepção de distâncias e, conseqüentemente, no desconhecimento da cidade por parte de seus habitantes, especialmente aqueles de menor poder aquisitivo, que acabam se apropriando e usufruindo menos dos espaços da cidade.

Apesar disso, nos últimos anos tem havido mudanças significativas na cidade, com processos de urbanização das periferias e a oferta de serviços de ônibus urbano com preço popular e Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), facilitando os deslocamentos da população, antes realizado unicamente através de veículos próprios, táxis, mototáxis e transporte irregular. Além disso, houve o investimento de ações culturais em pontos diversos da cidade, reforma e construção de praças e parques públicos, especialmente nas periferias, ampliando os espaços de lazer fora do eixo central.

Tais mudanças, ocorridas especialmente nos últimos dez anos, bem como a nova configuração urbana, com atualização do território da cidade e fronteiras dos bairros, suscitam a necessidade de realização de uma nova pesquisa a fim de verificar como e se impactaram na percepção da população sobre a cidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR JÚNIOR, P. R. **A cidade e o rio: produção do espaço urbano em Sobral-Ceará**. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. 199 p.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

CRUZ, L. M. D. Morfologias urbanas do medo: a materialização da (in)segurança em bairros nobres do Recife. In: SÁ, A. J. D.; CRUZ, L. M. D. **“Medo urbano” e suas novas formas geográficas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE: CCS Gráfica e Editora, 2011. p. 11-104.

FAUSTO NETO, A. **Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS**. São Paulo: Hacker, 1999.

FERNANDES, L.; RÊGO, X. Por onde anda o sentimento de insegurança? Problematisações sociais e científicas do medo à cidade. **Etnográfica**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 167-181, fev. 2011. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612011000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 ago. 2017.

FREITAS, A. J. L. de. **Sobre viver em Sobral-CE: da segregação à estigmatização socioespacial nos territórios da violência e do medo**. 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2019. Disponível em: https://ww2.uva.ce.gov.br/apps/view/contador_acesso.php?id_dissertacao=162. Acesso em: 15 maio 2023.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dicionário cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/metodos-e-outros-documentos-de-referencia/vocabulario-e-glossarios/16496-dicionario-cartografico.html?=&t=sobre>. Acesso em: 17 fev. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades: panorama Sobral (CE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>. Acesso em: 1 set. 2017.

LEITÃO, L. Quando um muro separa e nenhuma ponte une. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 13, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/8805>. Acesso em: 2 ago. 2018.

LIRA, P. S. **Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas**. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2014.

MALANSKI, L. M. Geografia humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**, v. 1, n. 52, p. 29-50, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/6285>. Acesso em: 21 jul. 2018.

MATTAR, F. N. **A pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.

MISSE, M. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil. In: MISSE, M. **Violência e participação política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IUPERJ, Série Estudos, n. 91, p. 23-39, 1995.

MOREIRA, M. P.; MONTEIRO, M. B. Televisão e crenças sobre a realidade social. **Psicologia**, Lisboa, v. 23, n. 1, p. 27-54, jan. 2009. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087420492009000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2017.

ROCHA, H. C. **O lado esquerdo do rio**. São Paulo: Hucitec, 2003.

RODRIGUES, A. H. V. A produção de loteamentos e a segregação socioespacial da cidade média de Sobral, Ceará. *In*: HOLANDA, V. C. C. D. *et al.* **Anais do SEMINÁRIO REGIONAL COMÉRCIO, CONSUMO E CULTURA NAS CIDADES**. Sobral: [s.n.], v. 3, p. 422-433, 2017. Disponível em: <http://srccc.com.br/proceedings>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SANTOS, G. E. de O. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.calculoamostral.vai.la>. Acesso em: 11 jan. 2017.

SOUZA, M. L. de. **Fobópolis**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 288 p.

AGRADECIMENTOS

A todos que tornaram esta pesquisa possível, especialmente aos entrevistados e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).